

**Feminismo e Moda no Cinema: Análise da indumentária feminina no filme
Anjos Rebeldes**

*Fashion and Feminism in Film: Analysis of women's clothing in the movie Iron Jawed
Angels*

Paula Crisóstomo Lima Verde, Universidade Federal do Ceará (graduada), Brasil

Orientadora: Francisca Raimunda Nogueira Mendes

paulalimaverde89@gmail.com

Resumo

Destina-se ao estudo de feministas retratadas no filme *Anjos Rebeldes* e as relações entre esse movimento com a moda, buscando compreender a maneira em que se relacionavam e se utilizavam desta. A pesquisa foi feita mediante o estudo de material escrito e publicado, e análise do filme. Esta focou-se na indumentária feminina e na utilização de elementos masculinos nas roupas das personagens.

Palavras-Chave: Feminismo; Moda; Cinema.

Abstract

Intended to study the feminist portrayed in the movie *Iron Jawed Angels* and the relations between this movement with fashion, trying to understand in which way they related and used this. The research was done through the study of written and published material, and analysis of the film. This focused on women's clothing and the use of masculine elements in the clothes of the characters.

Keywords: Feminism; Fashion; Cinema.

1 Introdução

Este ensaio estuda, por meio do filme *Anjos Rebeldes*, a trajetória de algumas feministas e sua relação com a moda, conforme representadas pela indústria cinematográfica, por meio da mencionada peça fílmica.

Neste texto, se demonstra como a moda andou lado a lado com as feministas, as quais consciente ou inconscientemente, adquiriram vestuários ou apenas aspectos destes que as diferenciavam das mulheres da época que não estavam ligadas à sua luta. No filme, elas são mulheres que se vestem de acordo com os padrões considerados femininos, e que, entretanto, não entram no gênero predeterminado de mulheres consideradas frágeis e submissas da década de 1920.

Assim, mediante este estudo, se mostra a importância desse movimento para a mudança da sociedade ocidental, no sentido das conquistas para a melhoria da situação da mulher, isso ocorrendo não apenas no sentido político, mas também na moda, em que as mulheres passaram a ter mais liberdade de escolha, tentando ir de encontro ao estereótipo de gênero.

A análise da imagem de feministas foi feita por meio de *Anjos Rebeldes*, onde se buscou entender as relações dessas mulheres com a moda da década de 1920. Mediada por essa análise, pôde-se perceber a utilização, por parte delas, de aspectos do vestuário considerado masculino em suas roupas, porém procurando manter sua feminilidade, uma vez que sua intenção era alcançar a independência das mulheres, sem perder suas características femininas. Elas não desejavam ser homens, e sim possuir os mesmos direitos deles.

2 A Moda e a Imagem da Mulher

A moda pode ser entendida de maneiras diversas. Para Lipovetsky (2006), ela é o próprio princípio organizador da sociedade moderna, começando a fazer furor no mundo intelectual; já Crane (2006) acredita que a moda mudou com o passar do tempo. Ela, inicialmente, foi utilizada para distinção de classes, porém, nos tempos contemporâneos, ela se voltou para a pessoa, ou seja, como forma de distinção individual e identitária. “A natureza da moda mudou, assim como as maneiras pelas quais as pessoas respondem a ela” (CRANE, 2006 p. 29).

É essencial perceber que, para se fazer moda, deve-se entender e conhecer a pessoa em sua complexidade, para, assim, se lograr uma maneira de representá-lo.

Muitos homens, porém, e até mulheres, conhecendo apenas o lado considerado passageiro e volúvel da moda, por vezes representam a mulher correspondente ao padrão social questionado pelo feminismo. Essa imagem de mulher (feminino), e, conseqüentemente, de homem (masculino), criada socialmente, é o que, de acordo com Scott (1990, p.14), se pode chamar de gênero. “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

A mulher, durante muito tempo, foi vista de maneira que pode ser considerada atualmente como estereotipada e fantasiosa por autores e poetas que criaram toda uma literatura e arte como forma de glorificação do sexo feminino. A sua beleza foi considerada superior, e além disso a mulher era considerada perfeita interiormente também. Com suporte nessa ideologia, se criou, na Renascença, a classificação do segundo sexo como o “belo sexo”. Afirmava-se que, conhecendo a mulher, se conheceria a verdadeira beleza, pois ela representava a perfeição encarnada e criada por Deus sem defeitos. Isso destoa do período anterior quando, consoante Lipovetsky (2000), a beleza feminina era malignizada em razão da sua tentação ao homem.

3 Moda e Gênero

Apesar de suas ideias terem sido utilizadas bem antes, o termo “gênero” e seu conceito só foram formulados e começaram a ser usados pelas feministas na década de 1980, procurando demonstrar as desigualdades entre homens e mulheres daquela época, tanto na esfera social, como no contexto particular. Assim, sempre esteve presente na vida das pessoas a diferenciação, não somente física, mas também de gênero, entre homens e mulheres, e, conseqüentemente, cada um possuiria determinado papel, vinculado a uma indumentária particular.

Durante os séculos XIX e XX, a imagem era de que o homem possuía o papel de força, domínio, heterossexualidade e poder. Era ele quem trabalhava e sustentava a casa. Por meio do vestuário, o homem, sempre bem vestido, pode ser reconhecido no que diz respeito à posição social, trabalho e condição financeira. A sua indumentária passou dos excessos à simplicidade, uma vez que, de acordo com Souza (1987) a respeitabilidade do homem agora é reconhecida por seus feitos e qualidades pessoais, e não por intermédio das roupas que usa.

Crane (2006) assinala que a mulher desempenhava o papel de submissão, restrição, obediência e conservadorismo, ela não deveria trabalhar e isso se reflete claramente na sua indumentária. “O papel ideal da mulher de classe alta, que não deveria trabalhar nem dentro nem fora de casa, refletia-se na natureza ornamental e nada prática do estilo das roupas da moda.” (CRANE, 2006, p. 328).

Houve um período, no século XIX, em que as mulheres tentaram modificar sutilmente o efeito geral do traje feminino e, por consequência, o estereótipo de gênero que vinha junto com ele, utilizando aspectos do vestuário masculino, como casacos, chapéus e gravatas, juntamente com seus vestidos, formando o que Crane (2006) chamou de estilo alternativo. Esse estilo continuou a ser empregado no século XX, sendo percebido, no filme *Anjos Rebeldes*, quando as mulheres usam gravatas, coletes e paletós, utilizados juntamente com saias e vestidos.

Pode-se perceber, portanto, que a indumentária masculina e feminina, com suas diferenciações, estão diretamente ligadas às imagens e ideias de gênero. É exatamente essa imagem predefinida que o movimento feminista tencionava quebrar.

4 O Movimento Feminista e a Moda

O feminismo é um movimento social, político e ideológico que procura conquistar uma igualdade de direitos entre homens e mulheres na contextura da política, da economia e da sociedade. Tem abrangência social e política, com vistas a buscar uma participação da mulher na sociedade que seja equilibrada com a dos homens. É também ideológica, pois tencionava desmitificar a ideia da existência de desigualdade entre os gêneros, e de que os direitos iriam variar de acordo com essa desigualdade. Alves e Pitanguy (1991) afirmam que, “O movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’ na sua oposição de ‘superior’ e ‘inferior’... Esta diferenciação não implica em desigualdade”.

De acordo com esses autores, o movimento surgiu inicialmente nos séculos XIX e XX nos EUA e Reino Unido. Nesse momento, as ativistas lutavam, principalmente, pela igualdade de direitos e liberdades entre homens e mulheres, e por causas políticas, como o direito ao voto feminino. Nos anos 1960, continuando até os anos 1980 e até mais à frente, as feministas buscaram a igualdade legal e

social para as mulheres, além de afirmarem que a condição social da mulher não é uma elaboração da sociedade patriarcal, e foram contra essa mentalidade.

O movimento feminista no Brasil teve início no século XIX, e possuía bandeiras de grande semelhança com as dos EUA e do Reino Unido. Discursos como emancipação feminina, direito ao voto e igualdade entre os sexos estavam presentes.

No início do século XX, as feministas brasileiras foram retratadas por magazines voltados ao público masculino, como mulheres masculinizadas, uma vez que utilizavam aspectos do guarda-roupa dos homens. Essa imagem continuou até a década de 1970, quando se viam charges de feministas em jornais como *O Pasquim*. De acordo com Castro (1995/96), esse discurso foi criado com a deturpação de textos, nos quais as militantes afirmavam que não estar dentro dos padrões excessivos de beleza impostos pela sociedade não significava a inferioridade das mulheres.

Atualmente, mesmo ainda não havendo completo conhecimento nem entendimento do movimento, percebe-se a possibilidade de ser bonita e ser feminista. É válido tomar como exemplos as sufragistas retratadas no filme *Anjos Rebeldes* que lutavam pelos seus direitos femininos, porém sem perder a vaidade e a feminilidade. Foi mediante reportagens, feitas nas revistas femininas com feministas bonitas e bem-sucedidas, que se começou a mudar a imagem masculinizada das militantes, ajudando muitas delas que defendiam e buscavam os ideais feministas a se assumirem como tais. (CASTRO, 1995/1996).

O feminismo pode adotar padrões considerados belos, e, juntamente com estes, se encontra a moda. É por meio desta que as feministas conseguem esboçar a individualidade, e assim passam o seu discurso de que merecem igualdade entre os sexos, não porque se assemelham aos homens, mas porque se diferenciam deles.

Essas mudanças gradativas eram acompanhadas da “criação” e evolução do cinema, sendo também retratadas por ele, uma vez que os filmes seguem as tendências da sociedade e, conseqüentemente, as reproduzem.

6 Cinema, Feminismo e Moda

Não se pode dizer que existiu apenas um inventor para o cinema, uma vez que os aparelhos necessários para sua criação foram evoluindo e se aperfeiçoando ao longo do tempo, e ele não apareceu unicamente em um só lugar, já que, no fim do século XIX, vários inventores começaram a mostrar o resultado de suas pesquisas de imagens em movimento ao mundo. Considera-se, por exemplo, que o cinema é uma continuação da lanterna mágica, que de acordo com a explicação de Mascarello (2006 p.18), nelas “um apresentador mostrava ao público imagens coloridas projetadas numa tela, através do foco de luz gerado pela chama de querosene, com acompanhamento de vozes, música e efeitos sonoros”.

Inicialmente, a projeção de filmes era vista mais como uma curiosidade, uma novidade interessante que servia para ser mostrada nos círculos de cientistas e também para maravilhar o expectador, a narração de histórias, como acontece atualmente, não era o foco principal.

Com o passar dos anos e aperfeiçoamento dos aparelhos de reprodução cinematográfica, sonora e de iluminação, o cinema foi passando por uma grande evolução. Isso fica bastante claro quando refletimos que, no início, os “filmes” duravam no máximo 15 minutos, diferentemente dos longas-metragens atuais.

Desde o seu aparecimento, o cinema influencia a vida de várias pessoas, uma vez que possui alcance mundial. Por esse motivo, a moda, que, em maior ou menor quantidade, está presente no dia a dia das pessoas, está relacionada ao mundo cinematográfico. Isso pode ser explicado, uma vez que o cinema, criado para fascinar seus espectadores, influencia seus estilos de vida, dentro dos quais está a moda. Além disso, consoante Dulci (2012, p.3), “o cinema e a moda são exemplos da produção cultural no mundo contemporâneo e, mais ainda, veículos de comunicação social de especial relevância por refletirem ideias e formas através de imagens.” Nos filmes feministas, o figurino representa a visão que o diretor quer passar ao espectador, no caso do filme estudado, consegue-se passar a imagem da feminista independente, que vai contra o estereótipo de mulher submissa e frágil, porém sem perder sua feminilidade.

Ao longo dos anos, as definições de moda foram mudando. Inúmeros conceitos apareceram à medida que essa temática era pesquisada por incontáveis estudiosos. Para Barnard (2003), uma peça de roupa não é moda até que alguém a

use para indicar sua posição social real ou ideal. A indumentária, uma vez que ajuda a comunicar a posição das pessoas, é um fator importante para tornar as sociedades possíveis.

O vestuário, no sentido estrito do termo, é um conjunto de peças e acessórios que compõem o traje. Eco (1982) afirma que a roupa é usada para as pessoas se cobrirem, mas devemos levar em conta o fato de que nem sempre foi utilizada apenas para vestir o corpo, ou para proteção. A importância da vestimenta vai além da sua funcionalidade, como, por exemplo, a intenção de a pessoa expressar a identidade, ou, até mesmo, a imagem criada que ela tenciona transmitir.

Aos poucos, a imagem da mulher mudou consideravelmente. Ela já foi vista antigamente, de acordo com Lipovetsky (2000), como beleza maligna, e passou a ser sinônimo de pureza e de bem. Mais recentemente, considerava-se a mulher como subordinada ao homem, sendo deste apenas mais uma propriedade. Com o período de industrialização e de guerras, elas tiveram que começar a trabalhar e, desde então, praticaram uma consciência feminina de mobilização para a garantia dos direitos, mentalidade esta impulsionada pelo movimento feminista.

Todas essas mudanças foram acompanhadas pelo cinema, e a criação deste significou um grande avanço para a sociedade. É importante salientar que, além de contribuidor da moda e do comportamento, o cinema sempre foi utilizado como reflexo da sociedade, e, assim como os outros meios de comunicação, difundiu suas mudanças maciçamente.

8 Análise da Indumentária no filme

A análise foi feita com origem no figurino das personagens feministas, e neste trabalho demonstra-se as percepções obtidas a partir da indumentária de três personagens escolhidas, são elas Alice Paul, Carrie Chapman e Mabel Vernon.

A década de 1910 possuiu mudanças significativas na área da moda. Os antigos vestidos espalhafatosos e espartilhos da década anterior foram aos poucos dando espaço às roupas mais simples e fáceis de usar e de se movimentar. De acordo com Laver (2001), a silhueta S, com os corpetes rígidos e as saias em triângulo, foi banida, dando lugar aos drapeados e à cintura mais próxima à linha do busto. Além disso, peças consideradas masculinas começaram a aparecer entre as mulheres feministas.

Essa mudança, entretanto, não foi feita de uma hora para outra. Percebe-se que, ao longo do filme, as peças do guarda-roupa masculino são colocadas sutilmente nos figurinos das personagens sufragistas. Isso retrata o que aconteceu naquela época com a utilização, pelas feministas, de peças masculinas como forma de protesto a favor da igualdade de direito entre os sexos.

Durante o período em que o filme se passa, as mulheres ainda possuem a imagem de seres dependentes, inicialmente dos pais e, depois, dos maridos. Por esse motivo, deveriam se apresentar de uma maneira que agradasse e que não fosse de encontro aos valores da época, estando sempre vestidas de maneira bem adornada e feminina. As feministas, ao utilizarem peças reconhecidas como masculinas, queriam se diferenciar dessas mulheres que não fazem parte da luta feminista, ou seja, as sufragistas se vestem de maneira diferenciada, uma vez que não possuem o mesmo pensamento dos homens e mulheres da época e, por esse motivo, não faria sentido se vestirem da mesma forma.

Outro importante fato a se ressaltar, é que por ser um período de guerra e os homens estarem fora, cabia às mulheres de classe mais baixa trabalhar nas fábricas. As operárias, estando em ambiente de trabalho, buscam o conforto e a facilidade de movimentos, utilizam, portanto, roupas frouxas e calças masculinas.

Iniciando a análise, está Alice que utiliza uma indumentária menos restritiva e mais leve, uma vez que não usa espartilhos e outros elementos de contenção do corpo, com uma camisa e saia de cintura alta. Mesmo com o visual austero, ela mantém a feminilidade da sua indumentária por meio do uso da saia, que faz parte do vestuário feminino, e do chapéu. No decorrer do filme, peças como calças, corpetes e sapatos, começam a aparecer sutilmente na indumentária das feministas, inclusive na de Alice, porém sempre unidas a peças do guarda-roupa feminino. Ela, por exemplo, utiliza calças em vários momentos do filme, porém, possuem uma modelagem bastante ampla, lembrando uma saia longa (Figura 1).

O figurino de Alice é bem diferente daquele utilizado pela sufragista Carrie, que mantém uma silhueta rígida por espartilho durante todo o filme, ainda que este seja mais flexível do que os de décadas anteriores. Carrie (Figura 2) é uma das sufragistas mais antigas e viveu o período da *Belle Époque*. Além disso, ainda está presa aos velhos valores, mantendo a política de conquistar seus objetivos sem

bater de frente com o governo e com os costumes da época, fato que explica sua preferência por manter a utilização desse estilo de roupa.

Como já havia sido dito, o figurino da personagem Alice mantém uma regularidade ao longo do filme. As peças masculinas adentram o seu vestuário sutilmente, combinando com a personalidade feminina da personagem. Pode-se fazer, por exemplo, uma comparação da sua vestimenta com a de outra sufragista, Mabel Vernon (Figura 3), cuja utilização das peças masculinas é mais visível e aberta. Em vários momentos ela usa a gravata masculina na sua camisa, e, embora a una com uma rosa na lapela do casaco, o visual aparenta ser mais masculinizado do que o de Alice. Entende-se que essa personagem tende a estar menos preocupada com a feminilização da sua indumentária do que as outras sufragistas, e também seu desejo de ir de encontro à imagem predefinida da mulher, quando ela assume o uso de peças de roupas que não eram ordinariamente do guarda-roupa feminino do período.



Figura 1 - Alice



Figura 2 - Carrie



Figura 3 - Mabel

9 Conclusão

Com suporte no exame da indumentária feminina no filme *Anjos Rebeldes*, pôde-se chegar à conclusão de que as feministas utilizaram a roupa como um meio de protesto e de demonstração das suas ideias, que iam de encontro ao pensamento do período. Na década de 1910, a ideia que ainda se tinha da mulher era a de um ser frágil, submisso e que não possuía a necessidade de adquirir representatividade na esfera política do País, e era exatamente contra esses estereótipos que o movimento feminista lutava.

Foi factível perceber-se que as feministas buscavam o estabelecimento social e político que os homens já possuíam na época, e a maneira que acharam para demarcar tal intento foi por intermédio da apropriação de elementos do vestuário considerado masculino. Além disso, a utilização dessas peças diferenciava as feministas das outras mulheres que não faziam parte do movimento, ou seja, a indumentária das sufragistas deveria estar de acordo com a luta destas e com seu ideal de mudança, elas não poderiam, portanto, se vestir da mesma maneira como o faziam as mulheres “comuns”.

Conclui-se, então, a relevância do cinema como comunicador e transmissor de informações. Foi por seu intermédio e, mais precisamente, do filme *Anjos Rebeldes* que se logrou chegar a essas conclusões, tornando-se, portanto, uma ferramenta essencial para a compreensão que se retém da moda, dos costumes e da mentalidade do período estudado.

Bibliografia

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BARNARD, Malcom. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CASTRO, Mayra Corrêa e. Feminismo Prêt-à-Porter. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política”. In: **Labrys Estudos Feministas**, jan/jul, 2005.

CRANE, Diana. **A Moda e seu Papel Social: Classe, Gênero e Identidade das Roupas**. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

DULCI, Luciana Crivellari. **Moda, modos e liderança de gosto no cinema brasileiro**. Jul-Dez 2012

ECO, Umberto e et alii. **Psicologia do vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: Uma História Concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2006

NACIFL, Maria Cristina Volpi. **O vestuário como princípio de leitura do mundo**. In: XVIII Simpósio Nacional de História, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma Categoria Útil de Análise Histórica: educação e realidade**. São Paulo: Educação e Realidade. V. 16 (2), 1990.

SOUZA, Gilda de Melo e. **O Espírito das Roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.